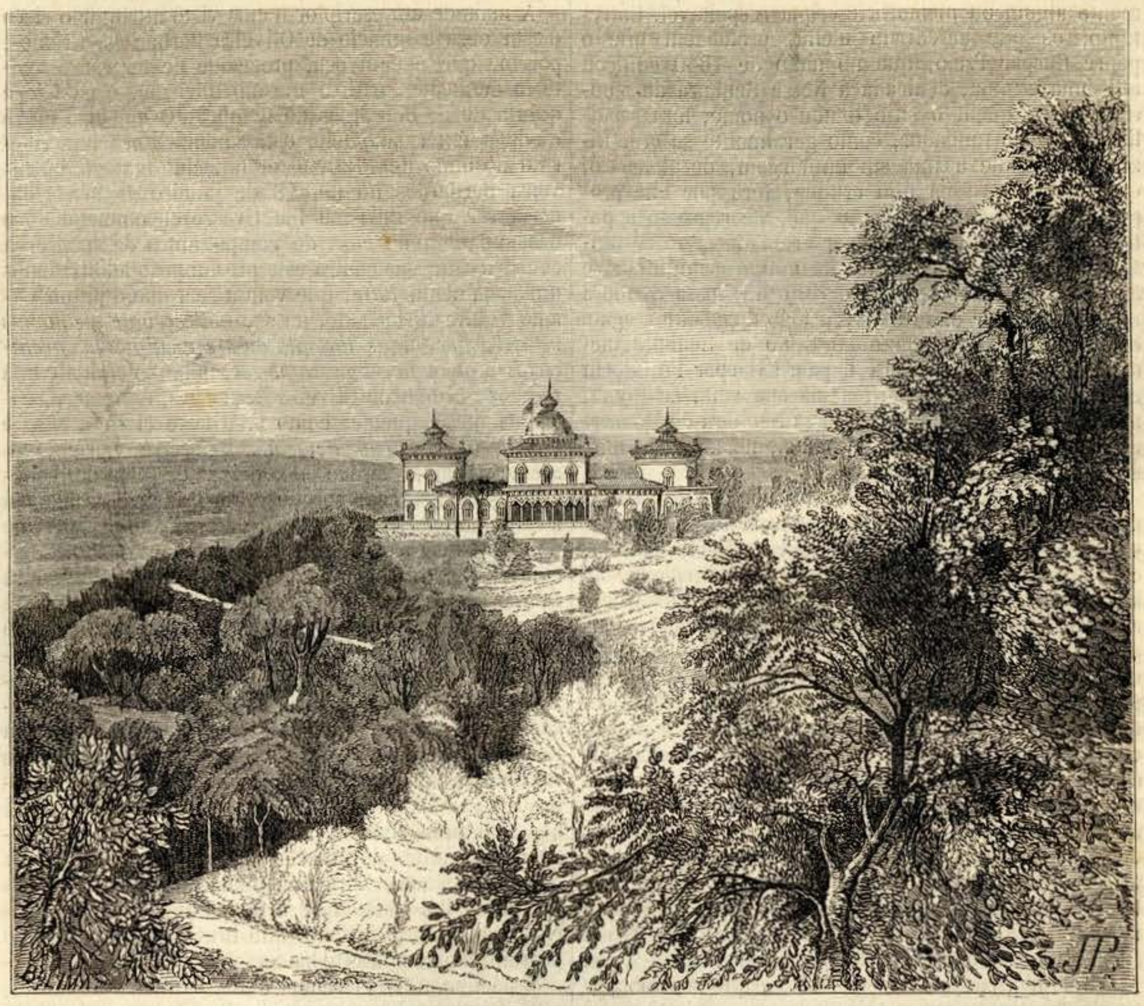


Palacio de Monserrate, em Cintra

Quando publicámos no vol. VII, a pag. 245, um artigo do sr. J. M. D. de Oliveira Travassos, descrevendo o sitio de Monserrate e o seu antigo palacio e quinta, promettemos mostrar em gravura aos nossos leitores o palacio no seu estado actual de restauração e engrandecimento. Vamos hoje cumprir essa promessa.

Uma lenda popular de antigas eras diz que sob o dominio dos arabes já era cultivada e habitada essa collina graciosa que resalta da serra de Cintra, e agora vemos transformada em jardim de mimosas flores. Era então, segundo a lenda, uma quinta de um musarabe, fidalgo christão que vivia tranquillamente em umas casas no alto da quinta, onde ora campeia o formoso palacio acastellado.

Não obstante a sua sujeição aos moiros, aquelle fidalgo, sentindo correr-lhe nas veias sangue illustre dos godos, era altivo e mal soffria o jugo tyrannico dos conquistadores da sua patria. Assim, pois, estes sentimentos, excitados constantemente pelo odio contra os inimigos da fé christã, vieram a romper em discordias com o alcaide moiro do visinho castello de Cintra.

Como ambos se jactavam de serem cavalleiros esforçados e briosos, não quiz o sarraceno prevalecer-se da auctoridade para se vingar dos desdens e desprezos do seu rival. Confiou, pois, a vingança ao valor de seu braço, e desafiou o christão a medir-se com elle em duello a todo o transe. Foi o alcaide procurar o fidalgo á sua propria casa, e ao lado d'ella, no alto da collina, travaram encarniçado combate. Eram tão eguaes nos dois campeões a valentia e a coragem, que por algum tempo esteve indecisa a victoria, até que, em fim, a sorte das armas, ou a fortuna, que é cega, a decidiu a favor do alcaide. O pobre fidalgo christão caíu morto aos pés do vencedor.

Como é bem facil de crer, este acontecimento lançou em grande consternação as familias musarabes que habitavam na proxima villa de Cintra. Reputando aquella morte um verdadeiro martyrio, começaram a visitar a sepultura do martyr, banhando-lh'a com lagrimas, e orando fervorosamente para que a Virgem Maria, condoendo-se da triste escravidão em que viviam, os libertasse de tão abominavel dominio.

Não tardou muitos annos que a espada victoriosa de Affonso Henriques expulsasse os moiros da villa de Cintra, hasteando ao mesmo tempo nas torres do seu castello o glorioso pendão das quinas.

Vencidos os inimigos da Cruz, lembraram-se alguns fieis de erigir uma casa de oração, como agradecidos do seu livramento, sobre a sepultura do ultimo martyr da sua fé. Fez-se a obra, porém acanhada e mesquinha, como quasi todas as construcções d'essa epocha.

Perseverou por longos annos a ermidinha consagrada á Mãe de Deus, até que veiu a arruinar-se; e a devoção, arrefecida pelo correr dos tempos, e olvidada das lembranças do martyr que alli jazia, dei-

xou ficar em ruinas o padrão, humilde mas piedoso, da restauração de Cintra do poder dos infieis.

Esta é a lenda popular, não auctorisada por documento algum ou memoria escripta respeitavel. Entretanto, os que acreditam n'ella, pretendem que o padre Gaspar Preto, que no anno de 1540 edificou alli uma ermida, dedicada a Nossa Senhora de Monserrate, de quem o sitio tomou o nome, fôra reedificador e não fundador, como geralmente se crê. Dizem mais, que a imagem da Virgem, de alabastro, que se venerava na dita ermida, fôra por elle proprio comprada em Roma; e que, de regresso á patria, visitando um dia o logar ermo da serra de Cintra, onde se viam os restos da antiga ermidinha, se lembrára de fazer reviver o culto de Nossa Senhora no mesmo logar onde o tivera logo depois do resgate d'aquella terra. E quanto ao titulo da Senhora, accrescentam que lh'o dera o padre Gaspar Preto, em recordação da visita que fez, na sua volta de Roma, ao celebrado sanctuario de Nossa Senhora de Monserrate, que se venera na Hespanha, no meio de uma serrania fragosa e alcantilada.

De tudo isto o que se póde ter por certo é a fundação ou reconstrucção da ermida feita por aquelle padre. N'esse seculo (XVI) pertencia aquella collina, com mais alguns terrenos junto da raiz d'ella, ao hospital de Todos os Santos, em Lisboa. No seculo seguinte aforou o dito hospital esta propriedade a algum membro da familia Mello de Castro, ou a pessoa que depois a transmittiu a essa familia, pois que no principio do seculo XVIII estava de posse d'ella Caetano de Mello de Castro, vice-rei da India, e casado com D. Marianna de Faro, filha dos segundos condes da Ilha do Principe. Fallecendo aquelle fidalgo na India, em 1718, declarou no seu testamento, feito n'esse anno, que vinculava a sua *quinta da Bella Vista* ou de Monserrate, na serra de Cintra. Esta disposição foi levada a effeito com as formalidades da lei por seu filho e successor, Antonio de Mello de Castro, que morreu victima do terremoto de 1 de novembro de 1755. Não tendo deixado filhos, passou a casa a seu irmão Francisco de Mello de Castro, que serviu tambem na India, como seu pae e avô.

N'este decurso de tempo foi muito melhorada aquella quinta, e construiram-se no alto d'ella umas casas para residencia de verão dos seus proprietarios. Parece que já então se achava com alguma ruina a ermida do padre Gaspar Preto.

Francisco de Mello de Castro casou na India com D. Joaquina de Mello, que era viuva de José de Saldanha, e filha do general Martinho da Silveira de Menezes. Tendo succedido na casa d'aquelle fidalgo sua filha, ou neta, D. Francisca Xavier Marianna de Faro e Mello, que foi casada com D. Lopo José de Almeida Pimentel, esta senhora, achando-se viuva e residente em Goa, arrendou a sua quinta em Cintra a Gerardo Devisme, negociante estrangeiro estabelecido em Lisboa. Foi feito o arrendamento por nove annos, a começar no dia 10 de julho de 1790, em que se assignou.

Gerardo Devisme era um homem de bastante riqueza e bom gosto, do que é documento a magnifica e formosa quinta e palacio de S. Domingos de Bemfica, por elle fundados para sua residencia, sob os planos e direcção de Ignacio de Oliveira Bernardes, pintor e architecto de merecimento, e que actualmente são propriedade e habitação de sua alteza real a serenissima infanta D. Isabel Maria.

Grande apreciador das bellezas de Cintra, mas não menos dos regalos e commodidades da vida, arrendou aquella quinta a longo prazo com o intento de a plantar a seu gosto, e de edificar n'ella uma casa com as condições que desejava. Com effeito, sem lhe pesar no animo ir gastar tanto dinheiro em uma quinta alheia, embora contasse renovar o arrendamento além dos nove annos, deu começo ás obras pela demolição da casa antiga e da ermida, e no seu logar lançou os fundamentos do novo edificio.

A mais de um escriptor temos visto attribuir o risco d'esta obra a Ignacio de Oliveira Bernardes. Cremos, porém, que é equivoco, procedido de ter este architecto delineado, para o mesmo Devisme, o palacio e quinta de S. Domingos de Bemfica. O que nos move duvidas é ter sido feito o arrendamento acima referido no anno de 1790, e ter fallecido Ignacio de Oliveira Bernardes no dia 18 de janeiro de 1781. Poderia ser que Devisme lhe tivesse encommendado o desenho de uma casa de campo antes de realisar a construcção. Mas contra esta presumpção adduziremos um argumento forte, que vem a ser, que o pintor Cyrillo Volkmar Machado, na sua *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores e esculptores, architectos e gravadores portuguezes*, fallando com alguma largueza ácerca de Oliveira Bernardes, ennumera, entre as obras que fez como architecto civil, a *casa e quinta de Gerardo Devisme*. Refere-se, porém, sómente a uma, que não póde deixar de ser a de S. Domingos de Bemfica, porque era a principal residencia d'este opulento negociante, e sabe-se com certeza que no todo ou em parte foi obra d'aquelle architecto. E Cyrillo Machado foi contemporaneo e collega de Oliveira Bernardes, e morreu em 1823 com 74 annos de edade.

Ignorámos se Devisme chegou a concluir a casa de Monserrate, pois que, muito antes de finalisar o seculo, retirou-se inopinadamente de Portugal, por motivo de desgostos que teve n'este reino. Por essa occasião, ou mais tarde por sua morte, succedida em Londres no anno de 1798, foi vendida ao marquez de Abrantes a sua propriedade de S. Domingos de Bemfica, cujos herdeiros a venderam tambem em 1834 á serenissima senhora infanta D. Isabel Maria. Quatro annos antes de fallecer, arrendou da sua mão a quinta de Monserrate a um opulento inglez chamado Beckford. Foi então que principiaram os fastos gloriosos d'esta propriedade, que breve passaram, como passam rapidamente todas as glorias mundanas.

Era filho o novo rendeiro de Williams Beckford, que se immortalisou e adquiriu immensa popularidade pela singular energia e coragem com que fallou a Jorge III em 1770, sendo então lord maire de Londres, expondo ao monarcha, em phrases sentidas e severas, as justas queixas do povo contra o seu governo; nobre exemplo de dedicação e lealdade que o povo da capital galardoou, levantando-lhe uma estatua na casa da camara, e, para que ficasse bem conhecida e perpetuada a memoria do feito, fez com que o esculptor representasse aquelle corajoso cidadão com o braço erguido, e segurando na mão um papel em que se liam as suas memoraveis palavras.

Por sua morte legou a seu filho, a par de um nome bemquisto e respeitado, mui avultadas riquezas; e tudo isto reunido á mais esmerada educação e aos mais apreciaveis dotes do espirito e do coração, habilitaram o joven Beckford a contrahir matrimonio com a formosa lady Margarida Gordon, filha do conde de Aboyne, par de Escocia. A perda da esposa ao dar á luz o segundo fructo de seu ardente amor, levou-o a procurar lenitivo para a sua dor longe da terra que tinha sido testimunha da sua passageira felicidade.

Beckford veiu a Portugal na primavera do anno de 1787. Lisboa e Cintra foram as terras onde fez a sua principal residencia, e ahi viveu alguns mezes no seio da mais elevada sociedade, que o distinguia com particulares provas de estima. Fez algumas digressões pelo interior do paiz, e nos fins d'esse mesmo anno continuou a sua viagem, passando á Hespanha.

Recolhido á patria, pouco tempo de repoiso ahi desfructou, pois que se viu obrigado a sair d'ella furtivamente em 1794, por se achar implicado em um

processo criminal. As saudosas recordações que levára de Portugal, sobre tudo de Cintra, conduziram-n'o directamente a Lisboa, e foi então que obteve que Devisme lhe cedesse a quinta de Monserrate.

Dissemos acima que não sabiamos o estado em que Devisme deixára as obras do palacio. Porém o que é certo é que Beckford emprehendeu e executou muitos e importantes trabalhos de construcção, ou fossem para concluir ou augmentar o edificio, ou para o aformosear, e mais á quinta. Durante alguns annos que viveu n'este reino, Beckford fez d'aquella residencia um verdadeiro paraiso, porque ás bellezas naturaes da paizagem accrescentou as galas, elegancia e conchego que só a opulencia e um gosto aprimorado sabem e podem produzir, dando realce e animação a tudo isso com os encantos da mais alegre e espirituosa convivencia, entretida pelo condão da hospitalidade franca, benevolente e graciosa.

N'esse trato intimo que teve com muitas das principaes familias da corte, enamorou-se Beckford de uma gentil donzella, vergontea bastarda da antiga e nobilissima estirpe dos Marialvas. E a tal ponto se rendeu aos attractivos da joven formosura, que chegou a solicitar, dizem, a sua mão e um titulo de nobreza, resolvido a fixar n'este paiz a sua residencia. Porém, apesar das immensas riquezas que possuia, e que tão fidalga e generosamente dispendia; apesar do fausto e ostentação do seu viver, e da nobreza da familia que não desdenhára recebel-o no seu seio; apesar das vivas sympathias que sabia inspirar a quantos o tratavam, pela influencia da illustração e graça do seu espirito, e da lhaneza e affabilidade das suas maneiras; não obstante todas essas poderosissimas condições, não conseguiu o que pretendia [1].

Ou o orgulho da nobreza, ou a differença de religião, e talvez ambas as coisas, armaram de inflexivel recusa o marquez de Marialva. E da rainha D. Maria I apenas por graça unica alcançou que esta soberana solicitasse e obtivesse del-rei de Inglaterra o perdão para elle.

Ferido no seu pundonor e na sua mais cara affeição, Beckford abandonou o paiz que já amava como patria adoptiva, e depois de viajar por França e Italia, voltou para Inglaterra, onde procurou distrahir as recordações da esposa e as saudades da amante com a construcção e decorações da sua sumptuosa propriedade de Fontill, que se tornou uma residencia verdadeiramente digna de um soberano, pois que á grandeza e magnificencia do edificio juntava-se a riqueza dos moveis, dos primores de arte e preciosidades de todo o genero que encerrava, entre as quaes se viam muitos objectos que recordavam a sua estada em Portugal.

Beckford morreu de edade avançada, e alguns annos antes de fallecer teve a honra de receber em sua casa sua magestade fidelissima, a joven rainha D. Maria II, chegada do Brasil havia pouco, e que alli foi admirar a sua famosa galeria de quadros e outras soberbas collecções de objectos de arte, que faziam d'aquelle palacio uma singular maravilha da Inglaterra, e que elevaram o seu preço, no leilão disputadissimo que de tudo se fez depois da morte de Beckford, á immensa somma de 340:000 libras esterlinas [2].

Depois da saída de Beckford de Portugal, a quinta e palacio de Monserrate foram arrendados a diversas pessoas. Porém a falta de tratamento, junto á acção destruidora do tempo, determinaram a rapida decadencia d'esta propriedade, que chegou, em fim, a completo estado de ruina. Concorreram muito para isso, sem dúvida, os acontecimentos politicos do principio d'este seculo. As invasões francezas, os sacrificios que ellas impozeram á nação, a partida da familia real para o Brasil e da maior parte da nobreza da capital, obstaram certamente a que alguma familia poderosa, procurando ir passar os verões n'aquella deliciosa mansão, a livrasse, pelo menos, de maior ruina.

Finalmente, ao cabo de longo e completo abandono, foi subrogada ao sr. Francisco Cook, subdito britannico, pelo sr. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, que então a possuia.

O palacio, sacudindo de si o pó das ruinas, tomou uma fórma mais nobre e esbelta. Enfeitou-se por fóra com columnas de marmore, com janellas gothicas de variados relêvos, e com graciosas cúpulas. Adornou-se por dentro com muita variedade de marmores finissimos, entre os quaes sobresaem magnificas columnas de porfido; com estuques e pinturas mui ricas; com lindos sobrados de madeiras diversas embutidas, formando mui bonitos desenhos; com moveis, alfaias, e obras de arte de subido custo e bom gosto, dos tempos antigos e modernos.

A quinta tambem passou por egual transformação. A numerosissima collecção de plantas exoticas e raras que encerra, umas admiraveis pela belleza das flores, outras singulares pela exquisita folhagem; a abundancia e frescura das aguas; a arte e bom gosto que presidiram á abertura das ruas, á disposição das plantas e á direcção dos mananciaes, auxiliados por aquelle benigno clima, por aquella natureza tão potente, que empresta alli á vegetação o brilho e pompas que a dos tropicos ostenta: tantas galas e encantos, realçados ainda mais pela formosura da situação, parecem realisar essas vivendas de fadas, creação phantastica dos poetas nos arrojados vôos da sua ardente imaginação.

A esta quinta de Monserrate, que, afóra os pomares, é toda de regalo, annexou o sr. Cook outra propriedade, denominada do Espirito Santo, toda consagrada á lavoira segundo os processos e instrumentos mais modernos; o que constitue uma quinta modêlo.

A nossa gravura é cópia de uma photographia.

Sobre a situação de Monserrate veja-se o volume e paginas citadas no começo d'este artigo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## A POESIA DAS TRADIÇÕES

(Vid. pag. 176)

IV

É um facto notavel e que merece ser devidamente apreciado o amor que a Bretanha inspira a seus filhos, e o cunho indelevel que a lembrança da sua terra natal estampa nas producções litterarias dos filhos da velha Armorica. Poucas provincias francezas contribuiram tanto para o thesouro litterario de França como o antigo ducado occidental. Chateaubriand, Emilio Souvestre, Paulo Féval, Augusto Briseux, Octavio Feuillet, Lamennais, Ernesto Renan, e quantos mais que me não occorrem agora, nasceram na Bretanha, e todos mais ou menos contribuiram para imprimirem um caracter original á litteratura ou á philosophia da França. Sinceramente religiosos, ou audazes pensadores, as suas crenças exerceram sempre uma notavel influencia no espirito francez. Paris absorve plenamente os escriptores das outras provincias: borgonhezes, gascões, normandos ou alsacianos, todos são

[1] Beckford occupava na sua patria uma posição social tão respeitavel, que a sua filha Suzana Euphemia, cujo nascimento custou a vida a sua infeliz mãe, veiu a ser duqueza de Hamilton na Escocia, duqueza de Brandon na Inglaterra, e duqueza de Chatellerand em França.

[2] Na sua primeira viagem a Portugal Beckford escreveu uma serie de cartas curiosissimas, que retratam ao natural a corte da rainha D. Maria I. A segunda viagem de Beckford a Portugal forneceu assumpto ao nosso callaborador e mui distincto escriptor, o sr. Rebello da Silva, para compor um livro que intitulou *Lagrimas e thesouros*, lindo romance com que enriqueceu a litteratura patria.

parisienses; mas os bretões são sempre bretões. A lembrança da terra natal vive sempre no seu espirito, transluz em cada pagina dos seus escriptos, palpita em cada periodo, revê-se em cada phrase.

Dir-se-hia que o amor patrio é tanto mais forte quanto mais selvatica e arida é a natureza que o inspira. O italiano, o hespanhol, parece que não são tão affeiçoados á terra que os viu nascer como o homem do Norte aos seus gêlos nataes, o bretão ás suas rochas nuas, ás suas plagas ermas. As brumas da Armorica, as ondas tempestuosas e irritadas do Oceano, povoam os sonhos do bretão entre os esplendores da vida parisiense e entre as maravilhas da Italia. O seu reflexo envolve a cada instante em vaporoso manto o estilo dos seus prosadores, os versos dos seus poetas. Este amor entranhado á terra do seu berço, esta adoração inalteravel, descreve-os Briseux n'alguns dos mais lindos versos do seu poema dos *Bretões*.

Pedras sombrias! gandaras maninhas!
Melancolicas selvas das planuras!
Ondas tremendas que açoitaes as fragas!
Aldeias onde o vento geme agudo
modulando os queixumes dos finados!
Bretanha, d'onde nasce o amor que inspiras?
Nas cidades d'Italia, esbelto e moço,
no povo, cuja tez o sol requeima,
d'um celta ousei fitar a azul pupilla.
Voltei acceso no sagrado fogo,
que do Vesuvio em borbotões irrompe,
cego pelo esplendor do sol d'Ausonia,
saciado d'artisticos prodigios!
Mas, logo que aspirei, ó patria amada,
o aroma que rescende nas giestas,
que ouvi bramir nas rochas o Oceano,
zunir o vento do pinhal nas franças,
adeus ó verdejantes larangeiras,
marmoreos vultos, sublimadas télas!
Venceu o instincto, sou bretão, sou barbaro,
olvido os nomes dos heroes antigos,
e do lobo e do toiro as pugnas canto!

V

É n'este poema dos *Bretões* que eu lhes desejo fallar, porque nenhum, como elle, resume essa doce poesia das tradições, que é, a meu ver, uma das mais encantadoras faces da arte.

Augusto Briseux conquistou n'este genero uma reputação immensa. O seu estilo singelo, ameno e melancolico, molda-se admiravelmente a estas descripções de simples usanças, á traducção d'estas patrioticas saudades. Não solta imprecações vehementes contra o progresso que vae delindo letra a letra o poema das velhas crenças; mas, ao vêl-as sumirem-se no abysmo, ao vêl-as desapparecerem a pouco e pouco, senta-se com tristeza nos fraguedos da praia e casa com os lamentos do Oceano as suas melancolicas endeixas. A sua dor, meiga e profunda, faz lembrar o tocante e grave desalento do *ultimo dos Mohicanos*, tão admiravelmente descripto pelo pincel originalissimo de Fennimore Cooper. Tambem elle percebe que é o *ultimo dos bretões*, e, antes que a morte o venha colher, apressa-se em desprender da ramaria dos carvalhos druidicos a harpa armoricana, e em legar á posteridade o testamento poetico d'esse povo extincto, ou, antes, absorvido pela immensa uniformidade da nação franceza.

Pois se houve paiz que soubesse conservar-se ao abrigo dos conquistadores, ou distincto d'elles quando se viu obrigado a supportar-lhes o jugo, foi de certo a Bretanha! Quando toda a Gallia caía subjugada aos pés das legiões de Cesar, a velha Armorica resistia obstinadamente nas suas *landes* e nas suas florestas, como os nossos lusitanos nas agruras do monte Herminio. Os frankos encontraram n'elles os mesmos inimigos audazes que haviam affrontado as aguias romanas. Depois o ducado da Bretanha conservou com intrepidez a sua nacionalidade, até que se uniu espontaneamente ao vasto corpo da monarchia franceza, como nós tambem nos fundiriamos na unidade hespanhola se a desventura da peninsula iberica não fizesse morrer no berço o filho de D. Manuel, ou se a sorte das armas fosse na batalha de Toro favoravel a Affonso de Portugal, como foi a Fernando de Aragão. Franceza já, conservou sempre a sua indole propria, a sua lingua, os seus costumes. Sair da Bretanha para os outros paizes chama-se inda hoje ir a *França*, os habitantes do resto do imperio são os *francezes*. Quando Paris proclamou a republica, a Bretanha protestou, e a guerra da Vendée veiu mostrar mais uma vez a indomavel energia e a nacionalidade vivaz d'aquelle povo. Quando segunda vez os Bourbons foram derribados do throno, segunda vez a Bretanha pegou em armas á voz de uma mulher energica, a duqueza de Berry. Hoje o tempo completou quasi a sua obra, e a Armorica é definitivamente franceza, mas inda aqui e alli se ouve um echo esmorecido das crenças e das sympathias d'outr'ora.

Augusto Briseux professa um culto verdadeiro pela sua patria. Quiz lavrar o epitaphio na loisa que encerra aquella nação, quiz escrever os *Fastos* d'aquella doce mythologia popular, das poeticas e antigas usanças dos seus maiores. O seu poema dos *Bretões* é tudo isso; alli revivem as lendas singelas, os costumes patriarchaes, as virtudes austeras d'esse povo primitivo. Nada mais bello na sua singeleza, mais suave na sua tocante simplicidade. Estou intimamente convencido que este poema dos *Bretões* é uma das grandes obras primas de poesia que a França arrojou n'este seculo ao mundo litterario. Percorramol-o passo a passo, e talvez algum poeta nosso, enlevado nas fragrancias que hão de rescender (mesmo através dos póros do grosseiro involucro da minha analyse) d'essas amenas flores silvestres, se tente a escrever tambem os fastos das nossas antigas usanças, das nossas velhas crenças, das nossas suavissimas lendas, que tão formosas, tão perfumadas, tão singelinhas as temos tambem.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

## D. JOSÉ BARBOSA

I

Poderá ser para muitos causa de estranheza esta insistencia com que porfiámos em evocar do sepulchro as sombras do passado perante uma geração, que desprezando por inutil a herança de seus maiores, se arroga jactanciosa a preeminencia de haver creado *idéas novas*, e julga ter descoberto de si propria a chave com que penetra nos arcanos da sabedoria. Victoriando as leis do *progresso*, que ella explica e interpreta a seu modo, como a unica a quem fôra dado comprehendel-as, cavou (ao menos assim o imagina!) um abysmo insondavel entre o seu seculo e as eras que o precederam. Se alonga a vista até ás edades preteritas, só se lhe deparam no correr dos tempos *parvos* e *imbecis*, cujos trabalhos, por indignos de consideração, devem votar-se a pleno esquecimento, e cuja ignorancia lhe inspira, quando muito, o sorriso malicioso de uma compaixão desdenhosa.

Os que despreoccupados se acostumaram a ler e analysar á luz da reflexão a historia do mundo antigo e moderno, estão bem longe de achar em tudo isto alguma novidade. Essas tendencias moraes, politicas e litterarias, que se divisam na epocha actual, dirigi-

das a romper inteiramente com o passado, e aspirando a reconstruir o universo sobre outras bases, tem-se renovado por mais de uma vez, embora por meios diversos e sob variados aspectos. Ainda mais: o que hoje se pretende realisar pelas idéas, já se tentou pela força nos seculos da barbaridade. Mas então a intelligencia conseguiu vencer a força, como é provavel que o *bom senso* venha a triumphar mais tarde dos desaccordos do espirito. Na ordem moral, como na physica, a natureza procede, em nosso fraco entender, e no de outros que nos antecederam, por leis eternas e invariaveis. Os que ainda não deram o ultimo *vale* ao principio da auctoridade, vêem n'isto, como em tudo, confirmada a infallibilidade dos oraculos divinos, inspirados pela sabedoria increada ha quasi tres mil annos:

«Todas as obras que Deus fez perseveram para sempre: nós não podémos accrescentar nem tirar nada ao que Deus fez... O que foi feito, isso mesmo permanece; as coisas que hão de ser, já foram, e Deus renova aquillo que passou [1].»

D'ahi vem, que através das ruinas em que por alguns seculos jazeu sepultada a Europa, quando a civilisação romana houve de succumbir ao ferro dos barbaros do norte, são ainda agora estudadas as instituições do mundo antigo: admiram-se os grandes genios que elle produziu; procuram-se com avidez os seus monumentos; e imitam-se, tanto quanto é possivel, os primores das suas artes.

Se os individuos chegados á edade provecta não deixam de recordar-se com saudade e orgulho dos dias vigorosos e florecentes da juventude; da mesma sorte os povos em qualquer estado comprazem-se nas reminiscencias das suas glorias passadas. Perpetuarão sempre na memoria os feitos notaveis, os successos, os monumentos que os engrandeceram aos olhos das nações estranhas; e não menos será para elles uma lembrança consoladora a dos seus naturaes,



D. José Barbosa

que em vida se distinguiram pelos dotes do talento, cultivando a intelligencia, e convertendo os productos do estudo em beneficio da patria e utilidade commum. Ainda quando taes homens não podessem tornar-se superiores ás idéas predominantes nas epochas em que viveram, nem por isso perderam o direito á gratidão e estima dos vindouros. Os genios propriamente ditos, os iniciadores de novas sendas, apparecem de longe a longe; foram sempre mais que raros em todos os tempos e logares. Em verdade, vemos que hoje superabundam, até entre nós, entes privilegiados que se lisongeiam com ser tidos por taes aos vinte annos; porém as suas pretenções serão no porvir justificadas? Afigura-se-nos bem que não.

O nosso compatricio, a cujo respeito affluiram aos bicos da penna estas breves considerações, posto que não possa classificar-se na primeira plana dos genios *transcendentes* (as aspirações do seu tempo eram mais limitadas e modestas!), bem mereceu, comtudo, da patria por mais de um titulo. Cultor laborioso das letras no decurso de meio seculo, com assiduidade e proveito; ministro fervoroso e dedicado da religião que professára; cidadão prestante no desempenho dos cargos que se lhe confiaram: eis as qualidades que lhe conciliaram em vida conceito e veneração, e que recommendam o seu nome á posteridade. Já não é pequena gloria a de ser preconisado como um dos mestres da lingua: elle o foi, ao juizo dos doutos do seu tempo; e os vindouros confirmaram a sentença, que terá já agora de passar em julgado.

II

Entre um bom numero de portuguezes notaveis, que no periodo não curto do reinado de D. João V (de quem, fosse embora por vaidade, ou por outro sentimento que queiram attribuir-lhe, as letras obtiveram protecção e impulso efficaz [2]), se illustraram, já por estudos historicos e philologicos, já pela eloquencia do pulpito, como a unica que por esses tempos era mais assiduamente cultivada, occupam distincto logar os tres irmãos Barbosas, D. José [3], Diogo e Ignacio. D'elles poder-se-hia dizer em phrase campanuda e metaphorica, proporcionada ás idéas e gosto da epocha, que foram em Portugal outros tantos luminares destinados a esclarecer o firmamento das letras.

Cabe-nos hoje tratar do primogenito.

Foi pae commum de todos João Barbosa Machado,

[1] Ecclesiastes III, 14 e 15 na versão de Pereira de Figueiredo.

[2] Recommendâmos a este respeito, na falta de melhor e mais acabado trabalho, a leitura do *Primeiro ensaio sobre historia litteraria de Portugal*, pelo conego Francisco Freire de Carvalho (Lisboa, 1845), de pag. 173 a 191: embora se lhe façam os competentes descontos.

[3] Vid. o nosso *Diccionario bibliographico portuguez*, tomo II, pag. 6 e 7.

capitão de auxiliares em um dos terços da corte, e D. Catharina Barbosa, que supposto não fossem parentes, como cuidadosamente advertem os biographos, reuniram ao vinculo conjugal a identidade do appellido nas familias de que procediam.

Em 23 de novembro de 1674, na freguezia de Nossa Senhora da Conceição d'esta cidade, onde seus paes residiam, veiu á luz o primeiro e abençoado fructo d'aquella união, sendo pouco depois baptisado com o nome de José.

Menos favorecido da fortuna se mostrou nos annos da infancia este menino. Com grave sentimento o viram seus parentes chegar aos quatro, sem que até então se conseguisse fazer-lhe articular uma só palavra. Receiavam que ficasse por toda a vida mudo, com quanto a audição lhe não faltasse, pois era prompto em acudir ás vozes das pessoas que o chamavam. Padeceu muito pelo mesmo tempo, e ainda depois, salteado por várias enfermidades, das quaes uma tão prolongada, que o teve preso ao leito durante seis mezes, pondo-lhe n'esse intervallo a vida em perigo por mais de uma vez.

Restabelecido em fim, e desembaraçados os orgãos da voz, apressaram-se a ensinar-lhe os rudimentos das letras, sendo aos nove annos mandado estudar a grammatica e lingua latina no collegio de Santo Antão, dos padres da Companhia. E como começassem n'elle a desenvolver-se talento e memoria, coadjuvados pela incessante applicação, avantajou-se em breve a seus condiscipulos n'aquelle genero de estudos. Não menor propensão mostrava para a poesia, e ainda mais para a oratoria, deixando já entrever em annos tão precoces a esperança não frustrada de que viria a ser de futuro um dos oradores mais abalisados do seu tempo.

No referido collegio cursou tambem a philosophia, que então nas escholas de toda a peninsula (segregada pelos Pyrenéos do movimento scientifico que ia tomando corpo na Europa) se limitava pura e exclusivamente á exposição da dialectica e subtilezas arabigo-peripateticas. Em todas estas disciplinas deu de si tão boa conta, que os jesuitas, seus mestres, sempre ciosos de attrahir para a ordem os alumnos que revelavam dotes de prestimo e capacidade, empregaram para com elle toda a sorte de conselho e persuasão, instando-o para que vestisse a roupeta de Santo Ignacio.

Foram, porém, baldados rogos e instancias para vencer a repugnancia do mancebo, que de nenhum modo assentia a ligar-se a um instituto, no qual (dizia) ficava a toda a hora receiando ser expulso. Entrára n'elle, comtudo, o proposito de seguir a vida religiosa, que, ainda em falta de vocação especial, se procurava n'aquelles tempos como accommodação decente, e estado preferivel para gozar n'este mundo dias tranquillos, e aspirar no outro á felicidade eterna. Só hesitava na escolha da regra que devia abraçar, perplexo entre tamanha variedade de institutos como os que em Portugal floreciam á sombra da piedosa devoção de nossos antepassados.

Depois de algumas tentativas infructuosas para entrar na ordem carmelitana, decidiu-se finalmente pela dos clerigos regulares, ditos theatinos.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

---

## O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 179)

### XII

### O REI E O HOMEM

Antes de chegar a Valhadolid, D. Carlos demorou-se em Mojados, e conservou-se depois no convento de Abrojos, de monges descalços, sito nas margens do Douro, em quanto se preparavam na indicada cidade as festas ajustadas em sua honra, para o receberem com as homenagens devidas á sua qualidade de soberano.

Aos 18 de outubro foi o dia determinado para a entrada triumphal del-rei.

Saíram ao encontro de sua magestade muitos nobres, cavalleiros e senhores, o clero, a universidade, os funccionarios civis e os do conselho. Tambem saíram a recebel-o o condestavel de Castella, o duque de Alva, o marquez de Vilhena, o conde de Benavento, os duques de Arcos e de Segorbe, e muitos bispos e prelados.

Eram mais de seis mil os cavalleiros, trajando ricos vestidos de veludo e seda, com magnificos bordados de oiro e prata, e montando soberbos cavallos ricamente ajaezados.

El-rei apresentou-se-lhes vestido de brocado com muitas pedrarias, e no gorro levava um brilhante de inestimavel preço. Montava brioso cavallo hespanhol da mais fina raça, e a sua presença, mais orgulhosa e marcial que effeminada e lhana, agradou muito aos castelhanos.

O conde d'Oropesa trazia o estoque de sua magestade.

Atraz e junto del-rei iam a infanta D. Leonor seguida de suas damas, o deão de Lovaina com o capello que lhe tinham dado havia pouco, e numerosa comitiva formada na maior parte pelos flamengos que constituiam o sequito del-rei.

Apearam-se todos na carreira ou rua de S. Paulo, á porta do palacete de D. Bernardino Pimentel, que primeiro fôra do marquez de Astorga.

No dia seguinte houve cavalhadas na Praça Maior.

Cada um dos tres bandos de cavalleiros, que se dispozeram para os jogos, trajava vestidos de côr diversa.

Entraram todos na arena, deram por ella duas voltas, e picaram e mataram um toiro. Era isto o começo da diversão.

Como os cavalleiros eram em numero superior a cem, e não era possivel que tocasse um toiro a cada um, ordenou el-rei que se collocassem em fileira formando circulo, e que nenhum alcançasse o toiro em quanto não fosse accommettido por elle.

Este espectaculo agradou em extremo ás damas que o presenciavam, e ainda mais aos cavalleiros lanceadores, que poderam assim mostrar a sua destreza e valentia.

Dividiram-se depois os bandos, e seguiram-se os jogos de canas.

A diversão durou então até á noite. Nobres e plebeus victoriavam o novo soberano, o qual, ebrio de alegria e enthusiasmo, deixou-se lisongear e afagar pela multidão, que via n'elle, sobejamente confiado, um penhor de paz e esplendor.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Quando Carlos se retirou para os seus aposentos, ficou só com Chièvres.

— Não se lembra vossa magestade da joven cantora que o enlevou em Villaviciosa, no palacio de seu fiel vassallo, o sr. de Ilevia? disse-lhe o primeiro camarista.

— Lembro-me... sim. Está em Valhadolid?

— Não a viu entre as damas da comitiva da augusta irmã de vossa magestade?

— A gloria offuscou-me. Sabes o que é um triumpho?

— Como aquelle para o qual contribuiram os castelhanos, não; porém eu sei tambem o que é triumphar.

— Guilherme de Croy, tu és talvez o unico amigo verdadeiro e leal que tenho no mundo; o affecto que te professo é grande, e a confiança que em ti deposito é ainda maior. Quero fallar-te, quero confessar-te os pensamentos que me occuparam a mente desde que partimos de Gand; a minha alma carece de desafogar-se, porque são tantas as commoções que tenho experimentado e que se conservam vivas n'ella, que me suffocam.

— Agradeço a vossa magestade tão alto favor, disse Guilherme tomando uma das mãos del-rei e beijando-a com hypocrita veneração; vejo que vossa magestade é ainda o mesmo, quando começava a acreditar que se afastava de mim. Ninguem professará a vossa magestade affecto mais profundo que eu, pois além da gratidão que lhe devo, conheci-o muito novo, eduquei-o e consegui, por assim dizer, captar-lhe a amizade de filho, porque eu tenho sido para vossa magestade segundo pae, porque os mestres, senhor, o são, na verdade... Falle, pois, vossa magestade com inteira confiança... se for precisa a minha vida para satisfazer o mais insignificante de seus desejos, diga-o, e morrerei por elle.

Carlos animou-se ouvindo taes palavras, cuja perfidia ainda não podia conhecer. Tomando, pois, por sua vez a mão de Guilherme e apertando-lh'a com effusão, continuou:

— «Guilherme, não sou o mesmo que era. Sinto mudança total na alma, ou, antes, principio a comprehendel-a, porque até agora não sabia o que era viver. Recordas-te da viagem que fizemos? A tempestade furiosa nos destruiu navios; o raio impetuoso incendiou uma embarcação; e durante muitas horas o perigo esteve ao nosso lado ameaçando-nos com uma morte horrivel. Pois no instante mais critico, desafiando o furor da tormenta, mandei arriar as velas, e, confiando no destino, deitei-me na coberta do barco em que ia.

«Não sei o que se passou em mim desde então... ouvia os silvos do vento e o estrondo do trovão; via o esplendor do raio, e, todavia, os meus olhos estavam cerrados, julgava habitar outros mundos, em regiões desconhecidas... De subito, ao fulgor de um relampago, vi que estava a meu lado uma formosa mulher... parecia-se com Maria, se porventura não era ella propria. As suas mãos juntaram-se com as minhas, e ao apertal-as senti correr por todo o meu corpo um frio glacial, alguma coisa que me agradava e que me fazia gozar. Eu, que nunca pensára na mulher, comprehendi-a instantaneamente, ou, antes, adivinhei-a. Disse-me... se tu soubesses o que ella me disse, tel-a-hias adorado como eu... A commoção em mim foi geral... Fallou-me do meu destino, da gloria, da alta influencia que alcançaria o meu throno, e ao implorar-lhe que me revelasse o nome, que não me deixasse, respondeu-me: «Não o queiras saber, nem desejes amar-me, porque serás meu escravo; não terás paes, nem filhos, nem esposa; só por minha vontade te arrancarei do lado d'esses entes queridos, porque o meu affecto para mim será superior a tudo e a todos...»

«Quando se partiu, senti os labios d'ella collados aos meus, e pedindo-lhe novamente que me revelasse o nome, desappareceu de repente. Desde então não deixei de pensar n'ella, umas vezes com intima alegria, outras com secreto pavor. Serei grande seguindo-lhe os passos, sendo seu escravo; a felicidade que me offerece conquistal-a-hei á custa de immensos sacrificios; só poderei encontral-a nas horas do perigo. Que devo fazer, Guilherme, seguil-a ou esquecer-me d'ella?

— Julgo que isso foi um pesadelo, um sonho; essa mulher foi uma creação do delirio, da febre que o perigo lhe fazia arder nas veias. Não se póde acreditar.

— Póde... póde; Guilherme... via... apertei-lhe as mãos... senti-lhe o alento, e já tornei a vêl-a, porque essa joven que se nos deparou no porto de salvação... é ella.

— E, todavia, esqueceu-a... ou Maria é já indifferente para vossa magestade.

— Não julgues isso... é que receio d'ella. As homenagens e o enthusiasmo com que este povo me recebeu povoaram-me a imaginação; o esplendor do que me rodeia embriaga-me; e conheço que deixaria tudo, o futuro, a corôa, por essa mulher. Pelo desejo de possuil-a, figura-se-me ainda mais fascinadora do que é, mas a razão apresenta-me os perigos da sua formosura; e a minha alma alimenta um terrivel combate que não me deixa socegar um instante.

— Tem confiança em mim?

— Já t'o provei.

— Seguirá vossa magestade os meus conselhos?

— Sim... confio na tua experiencia.

— Pois então esqueça-se do sonho, e pense unicamente em Maria, que lhe agrada.

— E sendo assim...

É a coisa mais natural do mundo. Encontrou uma mulher de quem gosta; é rei e poderoso; a vontade de um principe é lei, e a mulher amada deve obedecer-lhe como lhe obedecem todos os subditos.

— N'esse caso...

— N'esse caso, visto que já fiz com que viesse a Valhadolid, e póde vêl-a quando quizer, visite-a, descreva-lhe com as côres mais vivas o seu amor, tire algumas horas para ella, e depois...

— Depois...

— Lembre-se vossa magestade de que reina e governa, e quando estiver cançado de amal-a mande-a outra vez para Villaviciosa.

— Poderei deixal-a...

— Estou certo de que antes de um mez.

— Não me será possivel.

— Eu deixei minha esposa e não estou arrependido.

— E se ella me subjugar?

— Estarei sempre ao lado de vossa magestade, e conte que o libertarei.

— Dizes, pois...

— Digo que os sonhos são imagens de desejos, e que, uma vez que o de vossa magestade se realisou, deve aproveitar-se d'elle dominando-o.

— E os negocios publicos?

— Não se inquiete por causa d'elles. Confie no meu zêlo.

— Que devo fazer para ver Maria?

— Escusa de incommodar-se. Ella virá ao paço.

— Vem aqui?

— Sem duvida. Virá supplicar a vossa magestade que a leve para junto de sua irmã.

— De sua irmã?

— Sim.

— E que lhe direi?

— Dir-lhe-ha vossa magestade que procurará satisfazer-lhe a vontade se ella pagar o amor que a sua formosura causou a vossa magestade. Eu depois o livrarei do labyrintho em que se metter. Conte com a minha experiencia.

Carlos, costumado a obedecer a seu preceptor, então primeiro camarista, limitou-se a responder-lhe que faria o que lhe indicasse; e, sem esquecer os negocios do reino, que lhe interessavam no mais alto grau, esperou o resultado da primeira conferencia com Maria, ainda receioso; porém, mais confiado que nunca em triumphar da sua paixão, ou, antes, do seu capricho, pois embora não comprehendesse o que era o sentimento que experimentava, nem por isso deixaremos de definil-o.

Guilherme de Croy tomou as providencias necessarias para não se lhe mallograr o plano, e n'aquella noite Carlos ouviu a dulcissima voz de Maria.

(Continúa) B. A.

## D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Vid. pag. 140)

### IV

Quando a esquadra do vice-rei chegou á India, estavam já os portuguezes estabelecidos amigavelmente em Cochim, Cananor e Coulão, cidades onde tinham

feitorias. Os rajahs d'essas tres cidades resignavam-se a supportar estes incommodos hospedes, apoiados pelas esquadras qne cruzavam n'esses mares, e que tiravam estrondosas vinganças de qualquer insulto que os feitores recebessem.

Era de certo o medo que os navios portuguezes inspiravam, o unico motivo do consentimento que os rajahs de Cananor e Coulão davam á existencia das feitorias; mas o rajah de Cochim, esse estava ligado comnosco por laços muito mais estreitos. Levado para os portuguezes por uma indizivel sympathia, ou pela fascinação que a sua bravura exercêra sobre elle, o velho brahmane fez causa commum com os europeus, e por elles se expoz ás iras do samori de Calecut, seu poderoso visinho. A guerra que este lhe fez, e em que os seus novos alliados ao soberano de Cochim prestaram um auxilio quasi sobrenatural, porque são realmente mais que humanos os feitos praticados por Duarte Pacheco, transformou quasi em idolatria a amizade que Trimumpara tinha aos portuguezes, amizade que lhes foi continuada pelo sobrinho que lhe succedeu depois da sua morte. Esse era o alliado fiel, ainda que bem pouco poderoso, com o qual os portuguezes podiam na realidade contar.

Os mercadores arabes, espalhados por todo o Indostão, continuavam a excitar as iras dos indigenas contra os portuguezes. O samori de Calecut estava com estes em declarada hostilidade. Os navios que de Portugal eram enviados todos os annos, desde a descoberta, tinham por missão fazer ao commercio do samori o maior damno possivel, e apresar os navios que das Indias se dirigiam a Meca, levando os peregrinos que iam em romaria ao tumulo de Mahomet. Quando comparâmos o procedimento dos christãos, perseguindo, como verdadeiros piratas, os baixeis carregados de romeiros musulmanos, com o procedimento d'estes ultimos, que não punham o minimo obstaculo a que todo e qualquer christão fosse, quando quizesse, visitar o Santo-Sepulchro, ruborisam-se-nos as faces de vergonha, e varrem-se-nos dos olhos os grandes feitos bellicos dos nossos antepassados, para attendermos só a estas indignidades, cujo verdadeiro motivo era a avareza, e cujo pretexto religioso bastava para estampar eterno ferrete no clero, cuja intolerancia fanatica o auctorisava.

Assim estavam as coisas da India quando o vice-rei chegou, e, como já disse, se dirigia ás ilhas Angedivas a fim de fundar a fortaleza, cuja edificação lhe fôra recommendada. Alli se lhe vieram apresentar os navios de Manuel Telles, que tinham andado occupados na santa empreza de correr ás naus de Meca. Alli tambem, antes de se dirigir a Cochim, tomou D. Francisco de Almeida algumas disposições preliminares, como foi conceder o perdão do degredo a bastantes degredados que se haviam portado com valor notavel na tomada de Mombaça, e ordenar a todos os homens das suas tripulações que apresentassem as mercadorias defesas que traziam comsigo a fim de lhes serem pagas, poupando-lhes por essa fórma a perda que teriam se depois lhes fossem apprehendidas.

Estes dois actos revelam-nos já a politica que o vice-rei intenta seguir, politica generosa, ampla, desinteressada, leal. Os seus maiores desejos são que os portuguezes imponham, só pela sua attitude e procedimento, um certo respeito aos povos orientaes, e que sejam recompensados convenientemente os serviços prestados á coroa. N'uma carta que, dois annos depois, dirigiu a el-rei, carta notabilissima pelo desassombro e nobre altivez com que expõe as suas idéas e aponta ao monarcha os erros que a sua camarilha o obriga a commetter, indica o nobre vice-rei os dois males principaes que vão já corroendo o poder nascente dos portuguezes; e, notavel previsão do genio, são ainda hoje esses dois males os flagellos das nossas provincias ultramarinas. Em primeiro logar, pede que não enviem degredados com a armada, porque esses criminosos, valentes sim (nada tendo a perder e tudo a ganhar), não fazem senão manchar a bandeira a cuja sombra pelejam, corromper as fileiras dos soldados bons que formam com elles, e arrastar pelos tremedaes, diante dos olhos dos soberanos indios anojados, a honra e a gloria dos portuguezes. Em segundo logar, insta por que se paguem grandes ordenados e se arbitrem grandes recompensas aos combatentes, e que se lhes não consinta o mercadejarem. Repugna-lhe, e com razão, ver os soldados conquistadores lançarem a espada na balança em que se pesam os bahares de pimenta. A nobre profissão das armas não deve, entende elle, ser deslustrada com o trato mercantil, nobre por si só tambem, mas vil quando se faz com a espada em punho, porque n'essa occasião tem diabolicas parecenças com a pirataria. Protectores do commercio quer elle que sejam, não commerciantes. Quer que levem o seu fito em bem servir a patria, não os seus interesses, e para isso exige que a patria pese a oiro cada gota de sangue que se derrama para gloria sua e para sua prosperidade.

Nobres pensamentos, e, além de nobres, justos, que decididamente nos revelam em D. Francisco de Almeida um homem muito acima do vulgar.

Mas, admittida a existencia d'essas duas pragas, não queria ao menos D. Francisco de Almeida que fossem tratados sem benignidade os homens que, impellidos por um motivo qualquer, praticavam tão heroicas acções, e davam tanta gloria ao nome portuguez. Não queria forjar da espada, que, empunhada por mãos criminosas mas valentes, havia entrado no mais basto das fileiras moiriscas, a grilheta que lhes atasse aos pés mal que findasse o combate; não queria que os vencedores remassem nas galés ao lado dos vencidos; não queria tambem que esses soldados, mercadores mas heroes, perdessem como soldados o sangue e como mercadores a fazenda, e que a patria, que lhes não recompensava as façanhas, fosse, em nome de uma lei, tão lata com os grandes, tão restricta com os pequenos, prival-os dos fructos do seu suor. Estas idéas não lh'as comprehendia, ou não lh'as queria comprehender, a gente que o cercava, e foi quando elle as poz em pratica que principiou a opposição surda que lhe fizeram alguns dos seus subalternos, incitados por um tal Gaspar Pereira, seu escrivão, homem de alma pequenina, ruim *bureaucrata* (permittam-me que me sirva d'esta expressão, que representa uma idéa toda moderna, mas que traduz perfeitamente o caracter e a posição do homem), antepassado de todos esses vermes que mordem os calcanhares dos gigantes, d'esses homens de penna que todos os governos põem ao lado dos homens de espada, espiões covardes que, escondidos durante a batalha, empunham depois da victoria o estylete, e começam a rasgar a honra e a fama dos que trabalham, dos que luctam, dos que são uteis e prestantes ao seu paiz.

Coisa notavel! Em todos os tempos, em todos os paizes, todos os governos attendem a estes miseraveis de preferencia aos grandes homens que elles calumniam. Gaspar Pereira junto de D. Francisco de Almeida, Faypoult junto de Championnet, enviado aquelle por um rei absoluto, este pelo directorio de uma republica, este no fim do seculo XVIII, aquelle no principio do seculo XVI, são as duas provas mais frisantes de que os homens não mudam, e de que a civilisação, transformando todas as condições da existencia, não arranca uma só das más paixões que vivem no coração do homem. Viçam, colhem-se e renovam-se as messes, o joio sempre se insinua no meio das cerradas legiões das aureas espigas!

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.